**A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE CRIANÇAS EM PESQUISAS EDUCACIONAIS**

*Antonio Morais da Costa[[1]](#footnote-1)*

*Andrea Abreu Astigarraga[[2]](#footnote-2)*

 **EIXO TEMÁTICO:** IX – Participação das crianças em pesquisas e na gestão institucional

**RESUMO**

O objetivo desta pesquisa é apresentar uma revisão bibliográfica sobre a importância das narrativas autobiográficas nas pesquisas com crianças. As principais referências teóricas foram: Castro (1998); Momberguer (2008); Pinheiro e Goldberg (2017); Passeggi (2014); Souza (2000) e Souza e Castro (1997), que tomam as narrativas *das* e *com* as crianças como fenômeno educacional importante para nossos dias. Com esta pesquisa, pode-se inferir que as crianças conseguem biografar sobre si mesmas e sobre o mundo do qual fazem parte.

Palavras-Chave: Criança, Narrativa Autobiográfica, Educação.

**INTRODUÇÃO**

As crianças, por muito tempo, foram consideradas seres incapazes, suas vozes e opiniões não eram ouvidas nas pesquisas científicas educacionais. As pesquisas que envolviam as crianças falavam *sobre* as crianças e não *com* as crianças. Tais pesquisas não consideravam a voz das crianças para o teor científico da investigação, e sim das pessoas que conviviam com elas, que falavam e tratavam sobre elas. Acerca disso, Castro (1998) nos diz que a década de 70 trouxe consigo uma reviravolta neste paradigma, ou seja, de incompetente a passiva, a criança passou a ser retratada como competente, possuidora de uma bagagem de disposições e tendências que a colocavam na posição de monitorar o seu ambiente, e principalmente, todos aqueles que cuidam dela.

Nesse período, as pesquisas que tratavam sobre as crianças já começam a ter um novo olhar para com elas, onde reconhecem a criança como ser dotado de inteligência e possuidora de uma subjetividade, que legitima suas expressões, ideias e sentimentos, ou seja, admitem a criança em seu estado cognitivo para a infância e para a vida.

Harris mencionado por Castro (1998), reconhece a criança como ser capaz de atividade racional, planejada e intencional, desde seu nascimento. Como visto, desde cedo, a criança é possuidora de inteligência, sendo capaz de raciocinar e interpretar o espaço social em que está inserido. Há, dessa forma, uma explicação das ciências, para a criança que agora se configura como sujeito ativo de sua experiência de vida, que a concebe como agente organizador e construtor de suas ações no mundo, sejam individuais ou coletivas. A criança, é, então, um ser que faz e dá forma às suas vivências sociais.

Sendo assim, objetivamos apresentar uma revisão bibliográfica sobre a importância das narrativas autobiográficas nas pesquisas com crianças, parte integrante do projeto de iniciação científica – FUNCAP: Narrativas autobiográficas das crianças, professores e agentes educativos em espaços escolares e não escolares, sobre ser criança, viver a infância, escola e processo ensino – aprendizagem.

Por que pesquisar crianças? Partimos do pressuposto de que, ao contrário da etiologia *in fans* que entende a criança como um ser que não tem fala, nos apoiamos na sociologia da infância que defende a ideia de que a criança fala e precisa ser ouvida, assim como, seus professores.

A metodologia é baseada nos princípios e métodos da abordagem autobiográfica, pois: “[...] é método de investigação privilegiado na pesquisa com as crianças”. (PASSEGGI, 2014, p. 134).

Realizamos uma revisão de literatura para a construção da primeira parte da pesquisa, por meio dos estudos teóricos-práticos de Castro (1998) que entende a infância como um processo de construção social e a criança como agente ativo de seu processo formativo, Momberguer (2008); Pinheiro e Goldberg (2017); Passeggi (2014); Souza (2000) e Souza e Castro (1997) que tomam as narrativas *das* e *com* as crianças como fenômeno educacional importante para nossos dias.

**A pesquisa autobiográfica e sua relevância para o estudo com as narrativas das crianças**

A pesquisa autobiográfica pode ser caracterizada como um procedimento de trazer à tona as explicações do que nos transformamos, e isso se faz mediante a investigação dos dados da própria vivência, proporcionando uma visão da constituição da vida desde a infância até a vida adulta. Impulsionando-os a termos um aspecto global de nossa formação de vida, formação educacional, ou seja, nossa formação humana.

Dessa forma, o método autobiográfico é imprescindível no que diz respeito à investigação dos dados da vivência de alguém, já que ele denota num autoconhecimento de si mesmo e da própria história de vida, no qual a pessoa é o agente e o protagonista. Assim, a pesquisa autobiográfica:

[...] possibilita a descoberta de aspectos decisivos da vida pessoal presentes na interioridade e na relação com o mundo, que de outra forma permaneceriam ocultos, e em muitos casos, desconhecidos. Esse caminho de apropriação de si é também estimulado pela troca realizada entre os pares (heterobiografia) que ajuda a aprofundar e compreender melhor os aspectos da trajetória formativa. (BRANDÃO, 2009, p. 22).

Desse modo, é de fundamental importância ratificar que os estudos que incidem sobre a pesquisa autobiográfica possibilitam demonstrar como os sujeitos estabelecem relações consigo mesmo, com o outro, com o mundo, ou seja, com o vivido no tempo que fazem parte e pertencem. É nessa mesma direção que a pesquisa autobiográfica mostra a relevância de se trabalhar com narrativas autobiográficas *de* e *com* crianças na educação para a contemporaneidade. Em nosso estudo a consideramos ativas e de direito à escuta e ao diálogo, visto que as mesmas, desde a tenra idade, passam por um processo de formação e desenvolvimento humano, no espaço social e histórico do qual vivem, e que constituem suas narrativas.

Nesse sentido, a pesquisa autobiográfica proporciona às crianças um poder investigativo- reflexivo-interpretativo dos diversos e diferentes contextos de suas vidas no decorrer de sua formação humana. Pois, a pesquisa autobiográfica analisa as modalidades segundo as quais: “[...] os indivíduos e, por extensão, os grupos sociais, trabalham e incorporam biograficamente os acontecimentos e as experiências de aprendizagem ao longo da vida”. (MOMBERGUER, 2008, p. 05). Em concordância disso, a pesquisa autobiográfica permite à criança refletir sobre seu percurso metodológico de aprendizagem e formação.

Em Educação, a pesquisa autobiográfica amplia e produz conhecimento sobre a pessoa em formação: “[...] as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos”. (MOMBERGUER, 2008, p. 23). Isso porque:

No ato de biografar-se, contar suas próprias experiências, a criança operacionaliza as ações de lembrar, de refletir, projetar-se no futuro e encontrar alternativas, que incidem sobremaneira sobre o seu desenvolvimento como ser social e histórico. No entanto, observamos que ainda não exploramos suficientemente essas ações, talvez porque não tratem de conteúdos escolares, currículos, programas, consideramos mais objetivos, ou, simplesmente, porque não sabemos como lidar ainda com elas e por isso são frequentemente relegadas a um segundo plano. (PASSEGGI, 2014, p. 140).

Nesse aspecto, as crianças ao utilizarem o ato de biografar-se, podem e tendem a construir narrativas a respeito de si e de seu mundo. Narrativas que são responsáveis por representar suas histórias e individualidades, as levando a uma compreensão espaço-tempo de si próprias, além de possibilitar um exercício de aprendizagem sobre suas vivências.

**Narrativas *das e com* crianças**

A pesquisa *com* crianças tem sido utilizada e desenvolvida pelos pesquisadores durante o processo de investigação dos dados que compõem e irão formar as narrativas das mesmas. E se caracteriza pelo contato direto com os atores sociais da pesquisa, no caso, as crianças. Destarte disso, Pinheiro e Goldberg (2017), defendem uma pesquisa *com* a criança: “[...] que resgate e proporcione o processo autobiográfico em que, por meio da narrativa, oral [...], a criança se conte, [...] e se revele” (p. 141).

Dessa forma, entende-se que a pesquisa *com* as crianças proporciona um processo que as direciona a ter uma aproximação com a sua história de vida. Nesse sentido, a pesquisa feita *com*as crianças, concede que elas assumam uma postura de *agente*, porque considera o que expõem e expressam para a recolha dos dados que irão constituir a pesquisa, e que serão responsáveis por formar suas narrativas. Dessa maneira, a pesquisa com as crianças: “[...] busca compreender e estudar a criança a partir de seu próprio ponto de vista”. (PINHEIRO; GOLDBERG, 2017, p. 142).

Já a pesquisa *de* crianças está voltada a analisar e a estudar as narrativas que as mesmas proferem no dia a dia, isto é, seus relatos espontâneos que são lançados nos espaços em que elas atuam. Essas narrativas das crianças trazem consigo informações acerca de suas trajetórias, que tratam das situações, ocorrências e episódios que fazem parte de seu percurso transitório de vida, e que na maioria das vezes, não são levadas em consideração, sendo caladas ao proferirem algo.

Condizente a isto, Passeggi (2014, p. 133) atenta a causa pela qual as crianças são silenciadas ao se expressarem: “[...] nós adultos, esquecidos do que aprendemos na infância, temos a diluir, substituir ou mesmo a silenciar a palavra da criança e as questões que ela coloca para a educação por considerar ingênuos seus propósitos”.

Na maioria das vezes, quando as crianças tendem a falar algo, muitas vezes são silenciadas por considerá-las incapazes de questionar, propor ideias e mudanças. São tratadas como se não tivesse capacidade e conhecimento para dialogar e produzir opiniões acerca daquilo que as circunda. Por esses motivos: “[...] os relatos das crianças, construídas por elas, têm sido pouco discutidos”. (DEMARTINI, 2002, p. 07 apud PINHEIRO; GOLDBERG, 2017, p. 142).

Perante tais questões relacionadas às narrativas *de* e *com* as crianças, defendemos que é importante ouvir as crianças e seus professores dentro dos vários espaços formativos, pois o estudo de suas falas podem nos alertar sobre os eventos e as problemáticas que emergem na infância.

Portanto, é fundamental levar em consideração o que as crianças têm a dizer na/sobre a escola e nos diversos locais onde elas estão, devendo ser utilizada para a pesquisa educacional, bem como para as Políticas Públicas em Educação que norteiam o Ensino Infantil e a Proteção à Infância.

**O pesquisador: aproximação e atuação com as crianças na pesquisa**

Lima, Geraldi e Geraldi (2015) ressaltam a importância da aproximação que deve existir entre pesquisador e pesquisado para a recolha dos dados que irão ser o fio condutor da pesquisa. De acordo com os autores:

A aproximação entre pesquisador e pesquisado longe de ser um mecanismo de *contaminação* da pesquisa, significa a possibilidade de construção de outras compreensões acerca das nossas experiências. Entre os modos de enfrentar o desafio das pesquisas com envolvimento do pesquisador está a investigação narrativa. (p. 19 - 20).

Em vista dos argumentos acima citados, em relação à pesquisa com as crianças, podemos notar que a aproximação entre o pesquisador e as crianças é de suma importância para a pesquisa que está sendo executada. Essa aproximação gera nas crianças confiabilidade para com o pesquisador e as mesmas irão se sentir mais à vontade para dialogar com o mesmo, colaborando para a formação de novas compreensões acerca do processo de biografização das crianças.

Nessa mesma direção, apresentamos Souza e Castro (1997, p. 83) que salientam a respeito do lugar social que a criança assume na interação com o adulto no contexto da pesquisa. Segundo estas pesquisadoras: “[...] a criança não é apenas um objeto a ser conhecido, mas alguém que é visto como sujeito que dispõe de um saber que deve ser reconhecido e legitimado, a relação que estabelece com ela, no contexto da pesquisa, começa a ser orientada e organizada a partir desta visão”.

De acordo com essa concepção, a pesquisa com crianças deve ser realizada em torno dela mesma, objetivando sua participação, dando a oportunidade para que se expresse, com ideias e sugestões. É nessa perspectiva que entenderemos o que a criança tem a falar de si, de seu cotidiano e das suas vivências, ou seja, do seu entendimento do mundo em que faz parte.

Deste modo, na pesquisa com as crianças, o papel do pesquisador é a de: “[...] reconstruir a origem e o curso do desenvolvimento do comportamento da consciência”. (SOUZA, 2000, p. 16 - 17). Refletindo sobre as ponderações do autor citado é válido levar em consideração a influência que o pesquisador desempenha ao fazer a pesquisa com as crianças. O mesmo proporciona a elas a terem contato, entendimento e elucidação de suas histórias de vidas, as quais trazem consigo explicações que as crianças vão anunciando sobre suas vivências, colaborando para a construção do projeto formativo de si que elas realizam no momento de narração de suas vidas.

**Considerações finais**

Portanto, as experiências que as crianças têm durante a infância são relevantes para a formação de suas narrativas, pelo fato de representarem o conhecimento e o entendimento das ações que elas vão atribuindo à vida durante o momento de narração para com o pesquisador. Dessa maneira, o uso da narrativa potencializa as crianças a emergirem como sujeitos e, assim, elas vão se construindo como protagonistas de sua própria experiência.

Diante disso, se quisermos entender como as crianças vivenciam e atribuem significações às suas experiências, salientamos que a melhor maneira é torná-las narradoras de suas vidas, dando apoio em seu processo narrativo-formativo.

Sendo assim, queremos que se ampliem e que se fortifiquem as pesquisas voltadas para o estudo das narrativas autobiográficas de crianças, e que se possa fazer presente no cotidiano escolar e nas práticas de educadores, gestores e de todas as áreas que lidam com crianças, desde os espaços formais e não formais.

**Referências Bibliográficas**

BRANDÃO, Sílvia Regina. **Trabalho Biográfico e a Constituição da Identidade Docente no Contexto Contemporâneo.** Disponível em: [www.hottopos.com/notand\_lib\_12/silvia.pd](http://www.hottopos.com/notand_lib_12/silvia.pd) acesso em: 04 de junho 2018

CASTRO, Lúcia Rabello de. Uma teoria da infância na contemporaneidade. **Infância e adolescência na cultura do consumo.** Rio de Janeiro: NAU, p. 16 - 43, 1998.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista.** Belo Horizonte, v. 31, n. 01, p.17-44, 2015.

MOMBERGUER, Christine Delory. **Biografia e Educação:** Figuras do indivíduo-projeto. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina; SAMPAIO, Carmen Sanches; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). **Infância, aprendizagem e exercício da escrita.**  Curitiba: CRV, 2014.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe; GOLDBERG, Luciane Germano. “O abandono me protege”: da pesquisa com crianças em acolhimento institucional. In: OLINDA, Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (Orgs.). **Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação:** afetos e (trans)formações. Fortaleza: EdUECE, 2017.

SOUZA, Solange Jobim e. Linguagem, consciência e ideologia: conversas com Bakhtin e Vygotsky. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (Org.). **A criança e seu desenvolvimento:** perspectivas para se discutir a educação infantil. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, Solange Jobim e; CASTRO, Lucia Rabello de. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. **Revista Psicologia Clínica.** PUC-Rio, v. 9, n. 9, p. 83-115, 1997.

1. Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA – Sobral – CE. Bolsista de Iniciação Científica - FUNCAP. E - mail: moraisfruticultura@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora Doutora, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA – Sobral – CE. E - mail: astigarragaandrea@yahoo.com [↑](#footnote-ref-2)